PAULO TORRES



DEDICATÓRIA

A minha mãe que foi uma santa nessa minha vida com sua voz e jeito mansos me ensinou tudo o que sei hoje.

In memoriam **ao meu falecido pai por sua perseverança e bravura para me educar.**

A minha esposa e companheira por todos esses anos juntos.

Aos meus filhos e irmãos que sempre me deram forças.

Introdução

Na década de 70 muitas famílias saem do nordeste para o estado de São Paulo com o objetivo de melhorar de vida e fugir da seca que assolava a região. Paulo Daniel com o nome fictício de Juca narra a saga de sua numerosa família nas terras do sul.

Como todo adolescente ele sonhava com uma vida melhor e teve que abandonar os estudos para trabalhar nas roças de outros para ajudar sua família. Tinha seus medos, suas expectativas e suas frustrações e decepções.

O livro narrará também a perseverança de uma família que não se acomodou e sim buscou outros meios e com sua fé e coragem fez seu próprio destino sempre tendo em Deus seu principal alicerce. Essa talvez seja parecida com a história de muitas famílias brasileiras.

NAS TERRAS DO SUL

Capítulo I

Terra boa. Fazenda grande. Oitenta mil pés de café. Cem alqueires de capim. O gado pastando tranqüilo, no outro lado muitos alqueires de terra mecanizada, cultivo de milho, feijão e arroz. Muita riqueza, a casa grande com luz elétrica, água encanada e telefone. A casa situada num alto de onde se via do outro lado da grota, onde corria um córrego, separando assim, a casa grande da senzala.

Você deve está sem acreditar, ou pensa que estou enganado, senzala no século vinte? Verdade, lá não morava nenhum negro escravo. Moravam brancos nordestinos e descendentes de europeus. Moravam numa vila de casas, grandes e de tijolos. Sem reboco, sem piso, ainda com os buracos abertos, onde há vinte anos serviram para sustentar os andaimes.

As casas de um mesmo modelo, ao todo doze casas. Quatro quartos, uma sala grande e uma cozinha. Fogão à lenha, e o piso de barro vermelho onde só se varria munido de água para molhar o chão e assim não fazer muita poeira. Deixemos

isso para lá. Nós estávamos completando um ano que morávamos naquela fazenda. Naquele dia eu estava com uma preguiça danada. João meu irmão mais velho, havia ido para casa com a desculpa de que estava com dor de cabeça. Eu fiquei junto da peonada,

Ali havia dois mil e quinhentos pés de café, com mais de cinqüenta anos de vida e que o fazendeiro mandou cortar com a esperança de que ele brotasse e começasse uma nova vida. Eu não sei se deu resultado, e isso era o que menos me interessava, naquele momento, eu estava carregando galhos de cafeeiros empilhando-os na beirada do carreador.

Alguns dos peões, mais bajuladores carregavam grande quantidade de troncos, só para se mostrar. Eu com dezessete anos, naquele dia, não pagava nem a bóia que devia comer. Na verdade eu estava com muita raiva. Raiva de ser tratado como escravo. Você se tiver paciência de me escutar, saberá por que falo assim.

O fiscal era um baiano analfabeto, chamado Jorge olhava para mim e eu tirava os olhos dele fazendo uma careta mandando-o ir tomar banho, mentalmente é claro. Meu pai havia viajado para São Paulo, capital, a fim de encaminhar a

nossa viagem e saída definitiva daquela fazenda. Meu irmão, já falei, havia ido embora. Outro estava em casa por ser pequeno e não trabalhava junto com adultos. Minhas irmãs que trabalhavam com a gente no café, também não trabalhavam no eito. Como vê, sobrei eu. Eu olhava muitas vezes para o sol, e quanto mais olhava parece que o sol demorava a caminhar rumo ao poente. O dia parecia ser o mais longo que eu já vira.

O fiscal soprou sua buzina, era a hora do café. Duas horas da tarde. Eu falo sério, o fiscal usava uma espécie de corneta para facilitar o entendimento dos escravos. Todos deixavam suas ferramentas e saiam em direção à merenda que não era fornecida pelo patrão e sim, por cada trabalhador. Para mim não tinha merenda, eu procurei uma sombra e passei a pensar no meu passado e tentava adivinhar como seria meu futuro.

Naquele momento escutei uma zoada no carreador principal da fazenda, Devia ser o carro do patrão, pois há um ano que morávamos ali e apenas duas vezes entrara carro estranho na fazenda. Não ria não, era verdade, apesar de morarmos no estado mais rico desse país.

Voltamos para o trabalho. Talvez você nunca tenha trabalhado com um fiscal no seu pé. É chato, faltava apenas o chicote e o nome de capataz para voltarmos ao tempo da escravidão. E o que ganhávamos? Para você entender, o valor do salário era de duzentos e oito cruzeiros. Uma diária ali valia quatro cruzeiros, no mês dias trabalhados eram vinte e cinco dias, vezes quatro davam cem cruzeiros por mês. Agora como faria um pai de família para sustentar sua casa?

Quem dava a hora na verdade era o sol. Nunca parava o trabalho antes do sol se esconder. Ninguém deixava o dia clarear estando na cama. Levantava, coçava os olhos e bebia um gole de café puro. E pegava o rumo do serviço. Pelas nove ou nove e meia, chegava à hora do almoço, lá na roça, sentado no cabo da enxada. O cardápio: Arroz com muita banha de porco, feijão quase não tinha e se tinha era bem pouco. A mistura era abobrinha frita ou sardinha, ou nada. Pelas duas horas da tarde, era a merenda, geralmente arroz doce com café. A noite janta que era a reprise do almoço. A refeição era feita ainda com claro do dia comia-se com a marmita na mão.

Nós estávamos em vinte homens, onde eu era o mais jovem, dezessete anos. E estávamos ali para trabalhar, mas isso

não impedia que eu estivesse com preguiça. Na verdade eu estava revoltado. Raiva da exploração, raiva por não poder fazer nada, raiva por ser menor de idade.

Eram três horas da tarde quando o meu irmão voltou. Eu fiquei curioso. Sabia que ele não estava ali para trabalhar, tinha certeza que ele não voltaria para isso. Conversou alguma coisa com o fiscal e depois veio para junto de mim. O fiscal o acompanhava a distância. João falou:

_ Você sabe de uma coisa? Nós vamos viajar na sexta feira. Às oito horas da manhã de sexta -feira nós devemos está em Birigui. De Birigui vamos à São Paulo de ônibus, de São Paulo direto de avião para Altamira no estado do Pará. As mulheres do INCRA acabam de sair lá de casa.

"Há, _ pensei, foi a zoada do carro que eu escutei." Embora eu esperasse por aquela viagem, confesso que senti um choque. O INCRA estava alguns dias atrasado. Os nossos vizinhos e colegas de trabalho já começavam a zombar de nós, com essa história de ir pra transamazônica. Agora chegava aquela notícia num dia daqueles. Não podia ser melhor. Seria mesmo verdade?

Viajaríamos na sexta -feira e estávamos numa segunda, isso queria dizer que não tínhamos muito tempo. Eu tomei minha decisão: Não trabalharia mais naquele dia. Aquela fazenda estava despachada. Falei sentindo nem sei o que:

_ Sendo assim, eu vou para casa agora.

_ Eu entendo, _ disse o fiscal. _ Vocês não terão medo de viajar de avião?

Que palhaçada. Quem vivia como nós vivíamos, passar o que nós havíamos passado, vivendo naquela fazenda. Como íamos nos preocupar com a viagem de avião? Eu estava eufórico. A peâozada havia parado de trabalhar e estava admirado cada um fazia seu comentário. Nós saímos como Lot saiu de Sodoma: Sem olhar para trás. E assim não completei o meu último dia de trabalho no interior de São Paulo. Havia muita coisa para arrumar e assim preparar a nossa viagem para o Pará.

***

Era o ano de 1971. Era o dia 19 de abril. Dia do índio. Naquele dia nós estávamos de passagens compradas para São Paulo. A seca nos tirava de nossa terra. Meu pai mexia com comércio, um caderno cheio de contas e os devedores não

tinham como pagar. Meu pai foi obrigado a tirar dinheiro de outro setor para quitar as contas. Chegara ao extremo e agora o jeito era sumir. E a terra prometida era São Paulo. Nós não éramos os únicos que fazíamos aquilo: fugir para as terras do sul.

Nossa família numerosa e não trabalhávamos na roça, mas fomos atingidos em cheio pela seca. Vendemos a nossa casa para pagar as passagens. Viagem é ruim quando se está mudando sem rumo certo. Eu com apenas quinze anos deixava para traz o colégio amigos e parentes. Ficavam para traz os meus sonhos. Era o fim de muita coisa.

Há uns meses atrás com a abertura da transamazônica, meu pai foi ao INCRA, mas não deu nada certo. Disseram que no Pará era época de muita chuva, não tinha previsão de quando o governo iria levar famílias para lá.

_ O senhor aguarde. _ Falou o funcionário, _ O senhor saberá, ai a gente encaminha tudo.

A crise não nos dava trégua. Meu pai escreveu uma carta para um parente em São Paulo. Recebeu a resposta e ele foi pessoalmente A São Paulo e Mato grosso.

Por outro lado aquela viagem se encaixara muito bem. Eu tinha problemas de vista, não lia de noite e meu pai sem querer saber de desculpa, me matriculou no período noturno. Viajando eu não passaria vergonha diante dos meus colegas. Já imaginou o professor de português me pedir para ler um texto? Como eu faria? Gaguejar, tentar adivinhar as letras. Resultado: Parei meus estudos.

Agora era à hora. Nossa família com malas e sacos na sala de espera da empresa de ônibus esperando a hora da viagem. Olhávamos ao redor e nem imaginávamos que talvez nunca mais voltássemos ali. Diferente da triste partida, música do Luiz Gonzaga, somente porque nós viajaríamos de ônibus e não de Pau de arara. Não viajaria com a gente o João meu irmão mais velho. Ele tinha dezessete anos e fizera inscrição na marinha e esperaria o resultado. Só depois, se o resultado não fosse favorável, ele iria ao nosso encontro.

No meio da bagagem estava um saco onde lá dentro se encontrava uma lata com carne frita, farinha e bolacha. A água ia num carote de plástico onde sempre estaria morna. A casa que fora nossa ficara uma bagunça. Uns parentes dividiram nossos móveis já que ninguém quis comprá-los. Não tinha mais

jeito, agora era viajar para um futuro incerto. No fundo estávamos satisfeitos íamos viajar.

Era hora do embarque. Alguns minutos de atraso. Pelo fato de o meu pai ter dado um giro antes procurando colocação, nos fazia pensar que tudo seria maravilhoso. Por outro lado os nossos parentes mais chegados estavam aliviados. Ir para São Paulo era bom, mas ir para a Amazônia era loucura. Vivíamos na ditadura militar e para o povo simples a colonização era coisa de comunistas.

Estava quase me esquecendo, viajava conosco um nosso primo, filho pródigo que até o momento só dera trabalho para o pai. Agora estava sob as asas do meu pai. O nome dele era Juarez.

Chegara à hora da partida. Eu me recostei na poltrona e senti um tremor. Parecia se desprender de mim um pedaço. Lembrei-me dos meus parentes, da nossa casa, do colégio, meus colegas, principalmente de uma colega em especial, que talvez nem desse pela minha falta na sala de aula. Olhando pela janela vi a minha cidade de luzes acesas ficando para trás. Ficavam as pessoas tranqüilas para eles tudo estava normal.

Nós é que estávamos saindo e a maioria do povo não estava nem aí.

Acordei-me já noite fechada. Não sabia a hora, pois ninguém de nós tinha relógio. Notei o nosso carro parando na beira do rio São Francisco para entrar numa balsa. Paramos no lado de Sergipe mais precisamente em Propriá. Os passageiros entraram nas dependências da agencia e nós ficamos na praça em frente, onde minha mãe foi fazer um suco artificial de abacaxi. Era a nossa janta.

Embarcamos e depois de algum tempo acordei-me com o carro parado e uma confusão. Meu pai parecia está envolvido, pois ameaçava dar queixa na polícia rodoviária. Segundo o que eu pude apurar, uma dessas mulheres de todos entrara na cabine do motorista e em um momento o carro fez zing-zag na pista levando alguns passageiros ao pavor.

_ Olha que aqui viajam famílias e eu não vou consentir nesse escândalo. _ Era meu pai que falava.

Juarez que se aproveitava das atenções da mulher ficou contra meu pai mostrando assim as suas unhas dizendo:

_ Tio o senhor não tem nada a ver com a vida dos outros, o senhor pode se dar mal.

Não sei bem como terminou, mas o caso era sério, pensando agora. Naquela época eu não entendia de nada mesmo. Dormi e me acordei dia claro. A cidade da Bahia de nome Entre Rios. Minha mãe enjoa carro eu sabia, no entanto vim saber que ela estava mal naquela parada.

Em Feira de Santana trocamos de carro. Já quase noite estávamos em Vitória da Conquista na Bahia. Já noite falaram que entravamos em Minas Gerais. Durante aquela noite me acordei várias vezes, Estrada com muitas curvas. Na tarde seguinte passamos por Volta Redonda no Rio de Janeiro. Seis horas da tarde entravamos na maior cidade do Brasil.

Um inferno. Entramos num verdadeiro lago de carros. Era um engarrafamento. Buzina para todo lado. Carros em toda direção. O céu enfumaçado, cartazes em todo lugar. Perdemos umas duas horas Para falar a verdade eu não achei nada bonito até o momento. Para piorar chovia. Devia ser uma honra para mim está naquele lugar naquele momento, era uma cidade famosa. Na verdade eu gostaria de está longe daquele sufoco.

Era noite fechada quando chegamos à rodoviária. Foram retiradas as malas e os sacos e logo depois meu pai comprou as passagens para Birigui. Juarez o nosso primo, era

para ficar ali na capital e procurar a casa de uns parentes dos quais ele tinha os endereços. Como ele gostava de se escorar nos outros, não quiz procurar um hotel decidiu-se ir com a gente para o interior. Nós que já não estávamos gostando do Juarez achamos uma péssima idéia em ele ir conosco.

Não demorou muito para o ônibus da empresa Reunida, motor de Scania dar partida. Birigui fica na linha noroeste do estado de São Paulo. Lá íamos nós.

Capitulo II

Birigui, cidade bonita e rica. Cidade calma, pelo menos a comparando com a capital. Ruas asfaltadas, lindas igrejas, fábrica de calçados. Colégios e praças. Moçada alegre. Não é preciso nem falar da outra face que toda cidade tem: a miséria.

Eram quatro horas da madrugada quando chegamos a Birigui. Era vinte e dois de abril um frio de lascar. Entramos no táxi meu pai deu o endereço entregando um papel ao motorista. O carro deu partida logo dobramos uma esquina e dois minutos depois parávamos diante de uma casa.

_ Pronto chefe, o endereço é esse. _Falou o motorista.

Tiramos a bagagem, meu pai pagou, o carro saiu e nós ficamos ali na calçada. Ouvimos uns ruídos dentro da casa e logo a porta se abriu. Era a dona da casa que foi cumprimentando o meu pai. E logo a seguir meu pai falou:

_Vamos gente, dê bênção ao tio e a tia.

Nós fizemos fila e cada um falava baixinho:

_ Bença tia.

Só o Juarez não repetiu a mesma frase. Quer dizer, meu pai e minha mãe também não, é claro. Não sei onde o meu pai achou aqueles tios para nós. Meu pai era simplesmente primo do dono da casa. Pouco depois todo mundo dentro de casa. Eram cinco horas da manhã e eu estranhei que tudo estivesse escuro. Naquela hora lá em Alagoas o dia estava claro e os raios do sol já apareciam. A terra era redonda e nós viajamos algumas léguas, era para ter mesmo diferença de horário.

Afinal o dia amanheceu. Foram aparecendo os filhos da casa sem ter idéia do que estava acontecendo. Do nosso lado teríamos que resolver logo, pois duas famílias dentro daquela casa não dava. Aquilo era problema dos meus pais, só que nós acanhados como éramos naturalmente estávamos igual peixe fora da água. Muito embora o tio José e a tia Maria dissessem

que tudo estava bem, estava evidente que não estava tão bem assim. Dois rapazes, Arnaldo e Geno. Uma moça, chamada Elizabete. Duas crianças, Adelmo e Nativa.

Saímos para a rua: Eu, meu pai e o tio. Andamos fazendo compras, olhando a cidade e especulando emprego para mim, nada, emprego não era fácil. Juarez tornou-se amigo de Arnaldo, eram da mesma idade. O frio foi o dia todo. Nunca tinha visto, uma hora da tarde e o sol parecia está por traz de um véu. O vento soprava açoitando a poeira do asfalto. Depois eu saberia que aquilo era a famosa geada preta: frio e vento.

Para mim que era um pirralho, era vida boa, hoje eu sei o quanto o cérebro de meu pai estava dando voltas. Preocupado com o destino de sua família. No outro dia saímos para conhecer mais a cidade, e procurar emprego. Outra vez nada. E ainda se encontrasse emprego será que o salário daria para cobrir as despesas? A casa do tio não podia servir de hospedagem. Meu pai queria ir para a fazenda onde o meu tio era administrador, por isso comprou uma mesa e duas camas.

Naquela noite houve uma reunião de nossa família. Havia um quartinho de depósito nos fundos. Foi lá a nossa reunião. Meu pai decidira e nós iríamos para a fazenda. Maria a